

LUIZ FERNANDO REAPOSO FONTENELLE

# **Receitas e Recebimentos do Arraial do Cabo**

COORDENAÇÃO PARA O ESTUDO SOCIOLÓGICO DA  
RECEITA NO BRASIL

97

# Rendas e Rendeiras do Arraial do Cabo

Contribuição para o estudo sociológico da renda no Brasil

O presente artigo foi escrito em 1954. O material que o compõe foi colhido pelo autor entre Julho de 1953 e Junho de 1954 durante os estudos patrocinados pelo Museu Nacional da Universidade do Brasil, pela Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e realizados na região de Cabo Frio, Estado do Rio.

Luiz Fernando Raposo Fontenelle

Sociólogo do Serviço Especial de Saúde Pública, Ministério da Saúde e do Serviço Social Rural, Ministério da Agricultura.

## A TÉCNICA DA RENDA

O Arraial do Cabo, Cabeça de Distrito que conta com uma população de cerca de 3.500 habitantes (1) e pertencente ao Município de

1 — Segundo o censo de 1950. A população cresceu ainda mais com o desenvolvimento da Companhia Nacional de Alcalis que está trazendo trabalhadores de fora para alojá-los na comunidade.

Cabo Frio, tem por coordenadas 23° de Latitude Sul e 42° de Longitude Oeste, exatamente onde a linha da costa abandona a direção Oeste-Leste que anteriormente seguia, para adotar o rumo Sul-Norte.

Sua posição é peculiar. Situado em uma península, circundado quasi inteiramente pelo mar, olhando de frente a ilha do Cabo Frio, apertado entre morros e dunas, vê estender-se para o interior a restinga, o areal imenso eivado de tufos e árvores retorcidas — que compõem a vegetação dessa região.

O vilarejo expande-se a beira mar. Voltados para a água, em tôdas as praias, os depósitos de peixe, as salgas, são quasi alcançados pelas marés e "marisias". Atrás deles o casario esparrama-se, galgando difficilmente as elevações, estendendo-se pelos campos alagadiços, subindo pelos "combros" e olhando lá de cima a canoada no "porto". O vento fator físico constante, bate rudemente toda aquela restinga, levanta turbilhões de areia, fustiga passantes, penetra nas casas pelas frestas das janelas, pelos telhados de telha e palha, perturbando as tarefas diárias, provocando ais de protesto na quietude dos serões.

A comunidade atravessa uma fase de rápida mudança cultural. A pescaria que era a atividade para onde estavam voltadas as atenções desde os primeiros anos da fundação do lugar, foi substituída como gênero de vida, pelo trabalho braçal na restinga que compensa com a segurança e a certeza do pagamento no fim do mês, os azares das "quadras más". (2)

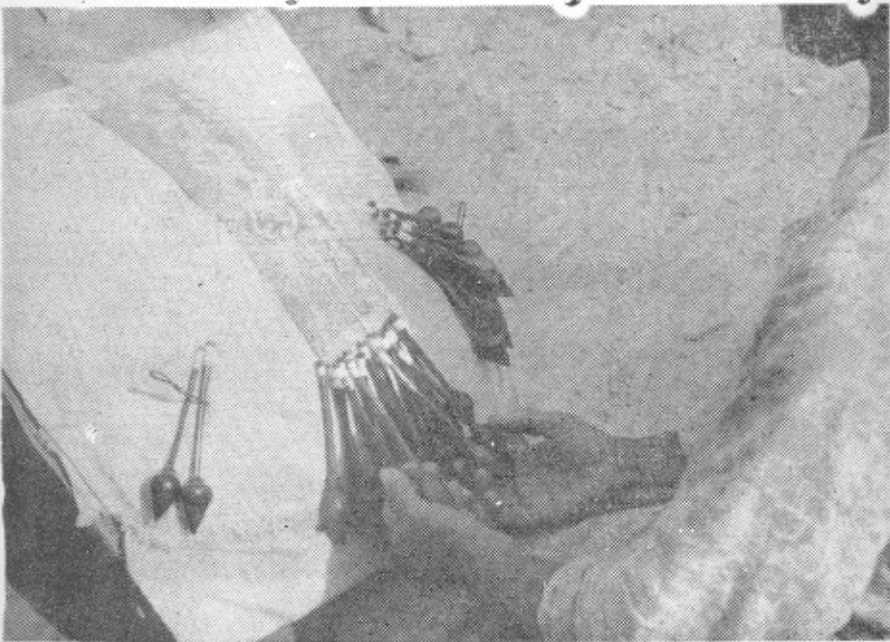


Foto 1 — Trocando bilros (foto do Autor)

2 — A serviço da Companhia Nacional de Alcalis, e de outras empresas auxiliares da Companhia.

Essa mudança de profissão pela maioria da população masculina da comunidade não afetou somente as técnicas de trabalho, desde que o pescador acostumado ao remo e ao exercício de apanhar o peixe, enfrenta agora o cabo da enxada e a brocha do pintor. Mudaram também e completamente os ideais que até então ele aspirava, estimulando uma série de novos valores, exercendo modificações na sua economia, na dieta, no vestuário, na recreação, enfim, na sua vida diária.

O abandono em massa da antiga atividade, que se verifica agora, principiou apenas há alguns anos quando os elementos mais jovens começaram a "desertar" da "ilusão da pescaria". Eles rebelavam-se contra aquela vida rotineira de sacrifícios, lembrando o exemplo dos avós e dos pais que depois de anos de lutas — tiritando dentro da água nas noites frígidas "percurando a pescaria", batalhando com o Bonito nas soalheiras, perdendo a saúde nas "madrugadas da ilha" — já velhos e alquebrados, dependiam agora do trabalho dos filhos e da caridade alheia. Uma sucessão de "quadras más" aumentou o número de desiludidos e finalmente a decretação dos novos níveis de salário mínimo decidiu os que ainda hesitavam. Fiéis à pescaria ficaram os que não puderam abandoná-la: os velhos que ainda podem trabalhar e alguns homens de meia idade e que possuem "partes de rede".

Descortinando-se a praia observa-se agora a ausência daqueles grandes grupos de pescadores que sentados na areia, de agulha na mão, iam tecendo a rede e "mexericando". De vez em quando olhavam o mar, observavam o vigia na "espera do peixe". Hoje, ao contrário, impressiona a solidão. Encolhidos na sombra de um arbusto mais desenvolvido, ou protegidos pela canoa contra o embate do vento, uns poucos companheiros trabalham com a agulha os "panos de rede". As "companhas" estão desfalcadas. Falta gente na pescaria.

As ruas entretanto, apresentam um aspecto diferente. Aí a atividade é contínua, o mulheiro vai às vendas, estende a roupa no campo, carrega água nas latas pesadas "de vinte quilos de manteiga"; a menina anda solta, os garotos nas "peladas", pelos campos e pela restinga armando "esparrelas" para os passarinhos; as meninas brincam, auxiliam as mães nas tarefas mais leves, tomam conta das crianças menores, fazem pequenas compras. Lá na beira da estrada em uma casa mais alta, quasi na calçada, posta-se uma velha fazendo renda. As más linguas dizem que ela fica sempre ali para ser vista pelos turistas que passam e assim, vender mais facilmente a sua renda.

Pelas janelas e portas abertas, aqui e acolá, percebem-se rendeiras curvadas sobre as almofadas. Em outras casas, as portas fechadas não conseguem abafar o ruído produzido pelo choque dos bilros. "É bonito estalá os bilros", quando a linha é mais grossa que pode estalá os bilros, lá do campo se ouve"; o bilro, "quanto mais pesado mais estala", mas é preciso que se tenha cuidado porque a linha sendo fina pode partir-se e os bilros soltarem-se: "vem os quatro na mão".

Os bilros e a almofada duram tanto tempo que constituem-se nos companheiros de toda a vida da rendeira:

Minha mãe tem tantos filhos  
 Todos eles um nome só  
 Eles morreram enforcados  
 Não foi corda nem cipó (3) "Almofada e bilros"

3 — Existem duas outras versões no folclore local:

"Minha mãe tem tantos filhos,  
 Todos eles num só nó,  
 Todos eles enforcados  
 Não é corda nem cipó" e também



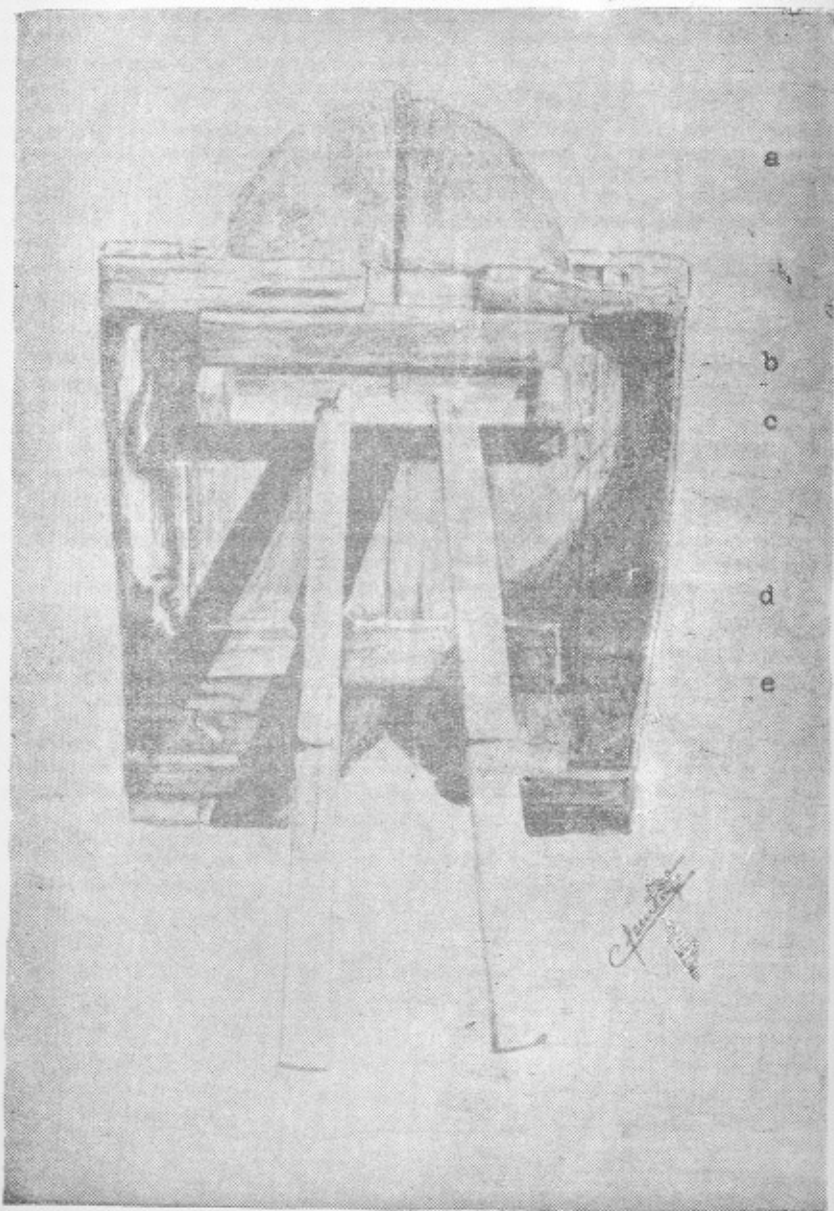


Fig. 3  
Ainda no corpo da almofada existe na sua parte superior, o "es-

pelho", especie de cabeça, onde vai sendo depositada a renda já feita, cuidadosamente enrolada e protegida por um pedaço de papel.

A madeira usada na elaboração da almofada é comprada quasi sempre na séde do Município e escolhida entre o pinho, a canela, a peroba. Outras madeiras entretanto, são usadas em almofadas menos cuidadas e são conhecidas algumas construidas até com fundos de malas. Existem tambem as almofadas desprovidas de "pés", ou porque foram descuidadas desde a sua feitura, ou porque quebraram-se e não foram repostos:

"Lá do céu caiu um cravo  
Quebrou o pé da almofada  
Com sentido no amor  
Não cozo nem faço nada".

Muita rendeira critica a preguiça das outras, lamentando que as almofadas fiquem "aleijadas prá eternidade", porque falta iniciativa em recolocar os "pés" que se quebraram. Qualquer tombo, uma batida forte, quebra essa parte mais vulneravel e a almofada é encostada na parede, sobre os bancos e mesas, em qualquer lugar.

A execução da almofada, como os bilros, é trabalho masculino; quem tem ferramentas faz o serviço em casa mesmo. Encomenda-se a almofada ao carpinteiro que mora na comunidade ou a um dos pescadores que possuindo os utensilios necessários e dominando os rudimentos da carpintaria, trabalha nos intervalos da pescaria. As ferra-

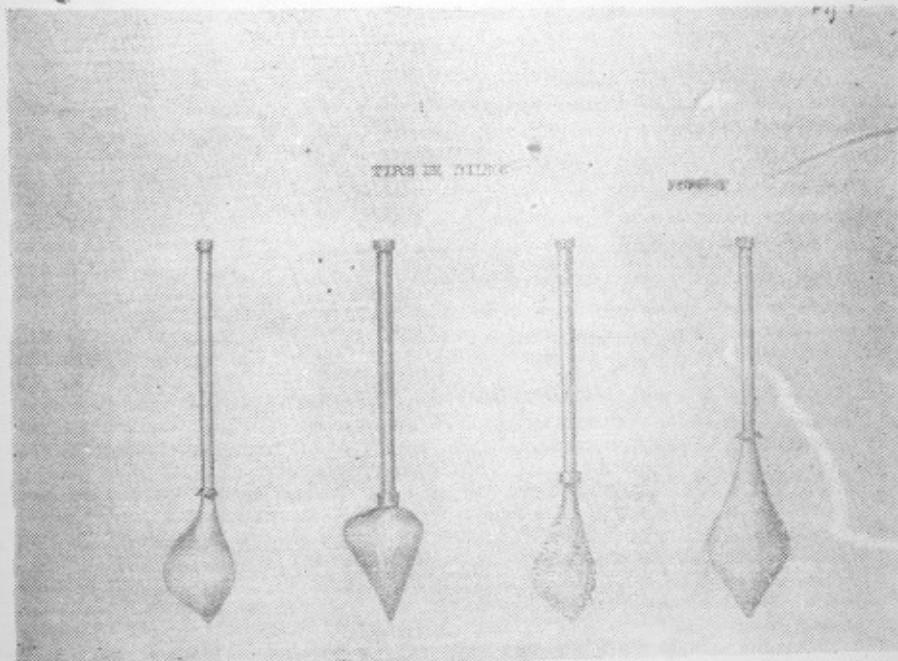


Fig. 4

mentos exigidas na construção de uma almofada são o serrrote, a enxó, a verruma, o fitomão e o marretão.

A almofada a murice é feita de uma única táboa, porque "é difícil encontrar uma táboa toda para fazer a almofada". São duas, três, quatro táboas ajustadas por meio de enendas de madeira. Algumas rendeiras têm o cuidado de recomendar que as táboas de enenda sejam colocadas pelo lado de dentro, ficando sobre as táboas pelo "enchimento". Outras rendeiras mais exigentes, deixam as táboas do lado de fora. "Os antigos quando se ocupavam com o enendado de ireto, dizia que a gente queria as táboas de fora de eles e de eles".

Quando se faz uma almofada, primeiramente tira-se do corpo; depois que já é pronto juntamente com o espelho, pregam-se os "pés", o "travessão", as "tranças". A malhada é fácil de ser feita e a sua construção não dura mais que um dia de trabalho contínuo. É muito simples a sua confecção e há gente que prefere fazer duas almofadas à uma dúzia de bilros; no bilro, a elaboração e o acabamento. "Maltrata" as mãos, cria calos e feridas. O preço da almofada que orça em 50 cruzeiros aproximaadamente, em comparação com o da dúzia de bilros, ilustra bem a diferença de trabalho exigido.

Depois de preparada a almofada, a rendeira então coloca o "enchimento", que é feito com um saco comprido sem qualquer venda ou padaria — "pode ser um saco de farinha de trigo ou de outra coisa qualquer" — e com palha, geralmente palha de bananeira ou de capim. "Bananeira" ou "bambaca". Na localidade não existindo o cultivo intensivo de bananeiras, as rendeiras encomendam a palha aos "roceiros", tropas que vêm "das roças" vender os seus produtos na comunidade. Uma carga necessária para compor um "enchimento" custa de 10 a 15 cruzeiros. Quando não há muita procuração, compra-se a palha sem encomendas, porque os "roceiros" vêm trazer banana para vendê-la e a gente aqui tira a palha.

Com a palha e o saco, a rendeira dispõe-se a fazer o "enchimento" na almofada. Servindo-se de um furador, uma verruma, ela vai abrindo furos a intervalos regulares, na madeira da almofada; há uma média de 10 furos para cada lado do saco. Depois com uma agulha de cozer sacos e uma linha grossa que a cozeira passa na agulha pelos furos abertos na madeira se prendendo o saco à almofada. Ela repete a operação na parte superior e nas partes laterais, deixando aberto apenas "o lado de baixo", desfilando a palha da bananeira tirando o talo grosso e pela parte ainda livre introduz os bocados de palha que vai sacando com o auxílio de um pedaço de madeira, ao mesmo tempo que bate com a mão no saco para distribuir igualmente a palha em toda a sua extensão e experimentar a dureza. Terminado o serviço, com a agulha e a linha, fecha essa última parte livre. A almofada e o "enchimento" estão prontos para o trabalho da renda.

A palha do "enchimento" com o picar constante dos alfinetes vai desfazendo, "enfraquecendo", "fica feito pó". É necessário de vez em quando que a rendeira abra a parte inferior e com um pedaço de táboa, remova a palha, mudando-a de posição. Mesmo assim, depois de um período variável de 1 a 4 anos, dependendo da atividade da rendeira, o tecido fica mole. Quando a palha está realmente imprestável, faz-se a substituição abrindo-se "o lado de baixo" e trocando-se a palha.

Uma almofada pode durar toda a existência. Há rendeiras velhas que têm as suas almofadas "do tempo de solteira". Outras, herdaram das mães, das madrinhas e tias, pois quando a rendeira morre a almofada fica abandonada até que seja dada a alguém. O pano do saco que compõe o "enchimento" tem uma duração que oscila entre 3 a 7 anos.

Sobre o saco que se compõe o "enchimento" a rendeira coloca geralmente um outro pano ou fôrro que deve ser maior que o próprio "en-

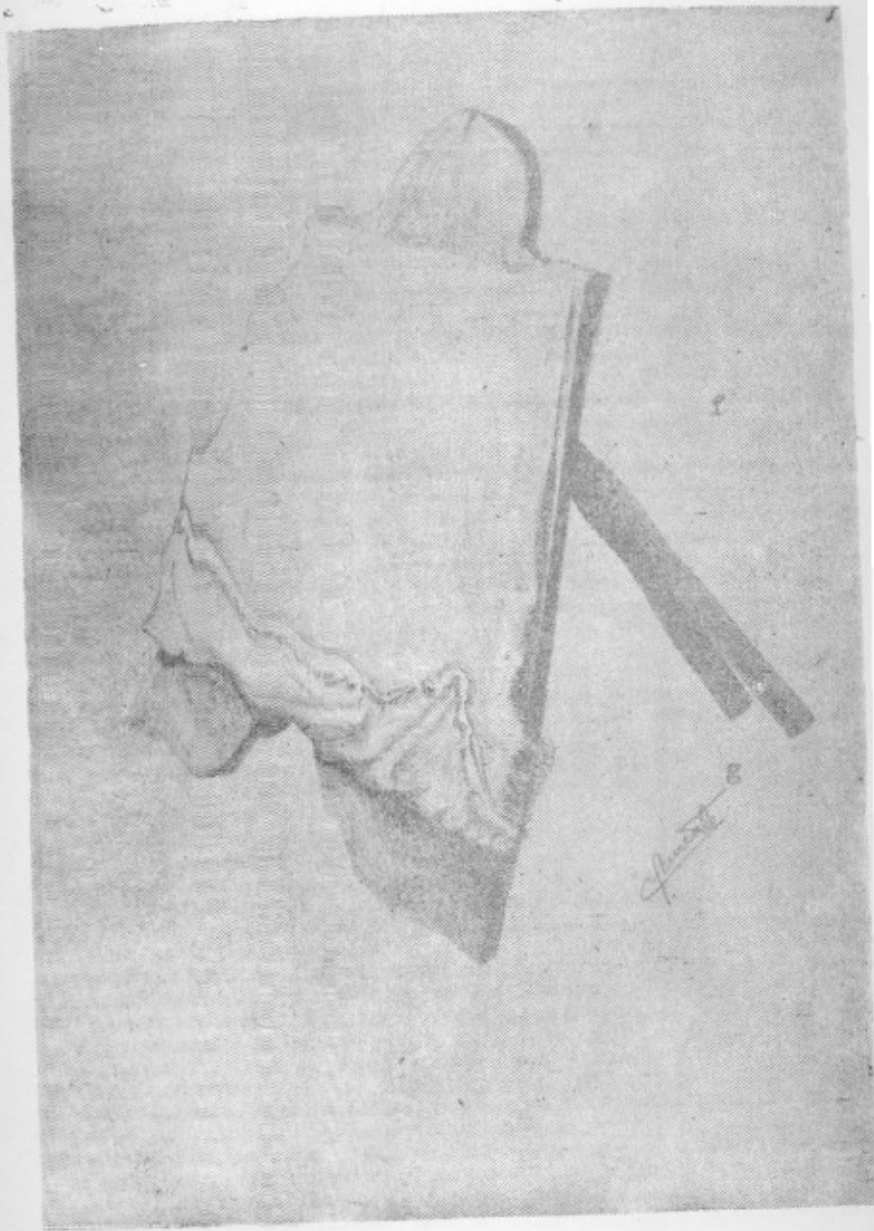


Fig. 5

chimento"; ela prende esse pano ou fôrro ao saco, utilizando espinho

de A. arumbeba e que cravava nas extremidades superiores e inferiores; com a parte excedente do pano ou fôrro e ela improvisa uma scolda que se faz dobrando; a parte que sobra e prendendo-se as suas extremidades no próprio "enchimento". Está feita a "bolisa", onde a rendeira guarda os seus carreteis, e vidros pequenos com alfinetes, um ou quatro bolro, algum dinheiro.

"Quem quiser comprar renteira  
As moças têm para vendê  
Tem na bolsa da almotofada  
Guardado para ninguém ver"

Há algumas rendeiras consideradas mais relaxadas que em vez de um pano de algodão para revestir o enchimento, usam apenas um outro pano de saco, papel e em algumas casas mesmo, não usam nada. Várias almotofadas são também de espovilhas da "bolisa".

O pano de ferro deve ser lavado na proporção que vai ficando sujo. O que influencia poderosamente na limpeza desse pano é o vento, que levantando muita poeira, suja mais facilmente. Quando o vento sopra com menos violência, o intervalo entre as lavagens do pano, espaça-se. Toda a rendeira que se orgulha da limpeza da sua renda, deve possuir pelo menos dois desses panos de ferro, porque enquanto uma está lavando, o outro entra em uso. Um cuidado todo especial deve ser dado a esses panos desde que a burenatura da renda é atribuída em grande parte ao estado de asseio do pano ou fôrro. "O que suja mais a renda é o alinhete que espeta no pano e que tá sujo e bota a sujeira na renda".

Existe uma toalha destinada a cobrir a almotofada quando a rendeira abandona o trabalho, com a finalidade de proteger a renda contra a poeira e os ciscos trazidos pelo vento. "tem quem cuida com a renda", cobre-a com essa toalha, quando não vai ao expagão — que muitas rendeiras me contaram mas que nunca observamos — de ocultá-la com duas.

"O pique é o papelão onde está o desenho ou padrão que guia os pontos da rendia no seu seguimento" (54).

O pique da rendeira cabista é feito de papéis de caixas de sapatos e papéis finos de caixas maiores. Para fazer-se um pique, recorta-se o papelão dando-se uma forma estreita, regulando-se o tamanho pelo comprimento que se quer dar ao pique.

Há duas maneiras de se preparar um pique: 1 — Coloca-se o papelão novo sobre o pique antigo e com um espinho de arumbeba, vai se cobrindo os furos já feitos, atravessando os buracos e abrindo outros no papelão novo. 2 — A segunda maneira de se preparar um pique "tem mais ciência"; com uma amostra de renda já feita, coloca-se sobre o pedaço de papelão que será o pique novo e com o espinho, vai se furando o papelão, segundo os pontos da renda.

As rendeiras geralmente têm coleções desses piques guardados em caixas ou nos armários, bem como pequenas amostras de rendas. Quando alguém fizer alguma encomenda, a rendeira traz a sua coleção e vai explicando os nomes e mostrando os piques.

O empréstimo de piques é comum entre as rendeiras, não somente para que sejam tiradas cópias, como certos trabalhos sejam executados sem ser necessária a operação de abertura de um pique novo. O empréstimo não é geralmente feito de boa vontade, apesar do ar gentil

com que é feito. A rendeira empresta porque sabe que no futuro irá necessitar talvez de um pique de propriedade daquela rendeira a quem agora ela está cedendo o seu. A rendeira sempre está queixando-se quando fala dos seus piques emprestados e que retornaram rasgados ou imprestáveis: "eu tinha uma porção de piques mas fui emprestá agora quasi não tenho"; "H. não tem cuidado, deixa o filho rasgá o pique"; "leve gente que me devolveu pique rasgado em 3". Outras lamentam os piques que nunca retornaram: "D. R. ficou doente e jogou fora os piques dela e os meus".

A rendeira entretanto, não reclama diretamente à pessoa que inutilizou os piques; aceita as explicações da outra, concorda contrafeita e em casa, faz os comentários desfavoráveis entre os parentes e as rendeiras amigas. "eu tenho tanto cuidado com os piques dos outros e olha só como devolveram os meus". Entretanto, toda a rendeira apreza o seu cuidado com os piques que pede emprestado: "quando eu trago emprestado, tiro logo o meu pique pra devolvê no outro dia"; "o pique é meu, tá bem; onde mete o alfinete, tá bem".

Geralmente 4 piques representam um metro de renda. Mas essa medida não pode ser adotada como padrão, porque há piques que ultrapassam e outros que não alcançam essa medida.

Quando a rendeira trabalha, a renda vai cobrindo o pique até chegar à extremidade inferior. Coberto o pique, levanta-se a renda, libertando-a do papelão onde estava pregada e deposita-se no espelho bem dobrada e protegida contra a ação da poeira e dos ciscos.

A maioria das linhas usadas pelas rendeiras cabistas é comprada nas pequenas vendas espalhadas pelos dois bairros que constituem a localidade; é a linha branca de algodão, marca Clark, vendida em carreteis. A qualidade da linha, a sua grossura, variam de acordo com a largura e o padrão da renda que se pretende fazer; quanto mais larga a renda, mais grossa deve ser a linha, porque as rendas largas feitas com linha fina ficam "fraquinhas". As rendas mais estreitas são os que obrigam o uso de linhas mais finas.

De vez em quando a provisão de linhas nas vendas começa a diminuir e a faltar e as rendeiras renovam as suas queixas contra o aborrecimento e o transtorno que essa falta acarreta e a urgência em enviar-se portadores para as localidades vizinhas e para a sede do Município a procura de linhas. Outras rendeiras cujos parentes vão ao Rio de Janeiro com frequência — nos barcos de peço de alto mar ou em viagens de negócio, como a venda de peixe — não perdem a oportunidade para encomendar carreteis para a sua renda.

A linha de seda é comprada por esses portadores e vem em carreteis e tubos grandes. Há rendas feitas com fios de cores: pretos, cor de rosa, grená, mas a linha branca é a mais comum, "renda pra vendê se de encomenda, só de cor branca". Os fios de cor são vendidos principalmente em maços, daí a sua denominação de "linha de maço". Somente uma venda na localidade, vende esse fio.

Apesar das rendeiras criticarem os trabalhos das suas companheiras — a rendeira sempre mostra grande interesse quando vê uma renda, aproximando-se logo ansiosa para examinar — elas respeitam um determinado número de rendeiras que pela habilidade e limpeza como trabalham, alcançaram uma reputação inatacável.

As rendas podem apresentar defeitos que têm diferentes origens:

- 1 — Renda revêssa. "É devido aos piqui". Muita gente faz renda revêssa para pregar na roupa, pois um lado fica mais comprido que o outro.
- 2 — Renda mole. "a pessoa não torce os bilros, não dá força na linha, fica mole".
- 3 — Renda cheia de nós. A rendeira quando emenda a linha uma

5 A — Luiza e Arthur Ramos. "A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil", publicação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, n. 4, 1948, pag. 49.

na outra ou no bilro, dá nós que chamam-se nós de lapadela e nós de rosca. Se ela tem o cuidado de cortar a linha que sobra depois de lavado e não ficam aqueles pedacinhos sobrando, "Não se pede vender sem apará os nós".

44 - Rendia cuja é considerado o maior defeito, quando a renda fica escura indicando o desmancheo da rendeira.

45 - Rendias com pedacinhos estreitos e pedacinhos largos, devido a defeitos nos picotes. O picote mal feito "dá mau" e defeito; mas só quando a rendeira não tá se incomodando de fazê de qualquer uma forma.

46 - Rendia estreita feita com linha grossa. Sómente quando alguém manda fazer dessa maneira não é considerado defeito.

A maioria das rendas tem ponta e entremeio. A ponta, que se destina a ocupar a extremidade das fazendas, só tem uma urela. O entremeio que fica colocado entre duas partes das fazendas tem duas urelas. A urela é onde fica o utilimo afilado das pontas da renda.

Adotando-se um critério para distinguir as rendas, podemos classificá-las de duas maneiras: 1 - Quanto à largura. 2 - Quanto à maneira como é feita.

1 - As rendas podem ser estreitas e largas, e o seu valor é proporcional à largura. As rendas estreitas variam entre 10 e 15 cruzzeiros enquanto que as rendas largas, as delicadas aplicações, podem alcançar até 500 cruzzeiros. Portanto o valor da renda aumenta proporcionalmente à sua largura.

O preço médio das rendas varia entre 20 e 30 cruzzeiros.

2 - Quanto à maneira como é feita a renda ella pode ser classificada como renda de pano e de trocado e ocasionalmente, de maço. Na renda de trocado "não se passa os 4 bilros um pelo outro. Passa dois e deixa dois". No "pano" passa os quatro.

IDA troca dos bilros, recorta o ponto que será "um tufuro do poique". De acordo com os movimentos dados pela rendeira, esses pontos têm formas com uma nomenclatura própria:

Arinha - "é 6 bilros que trabalha". "Se en cruzam pra fazê a arinha", "Chama-se porque "é muito cheia de perninhas".

Casinha - "entra 8 bilros e são 4 trocados".

Baratinhas -

Tranças - "é os 4 bilros que é trocado uma porção de vezes".

Bolinhas - "é feita com 4 bilros. A gente distorce a linha de um e torce em 3 bilros pra formá a bolinha".

Rosas - "faz conforme a renda for preciso. Entra de 6 até 20 bilros".

Torcidos - "O torcido é o gente que torce a linha com dois bilros pra pregá a finette".

Existe ainda a maneira de ser fazer no

Pano - "entra os 4; trocado - "a gente trança os bilros 2 por 2; meio ponto e ponto fechado "dentro do trocado e do pano".

A maioria das rendas tem os seus nomes entre as rendeiras cabistas. "a renda que não tem nome" class estuda pra botá nome. Muitas rendas têm o seu nome derivado das contencimentos quasi lençóis como:

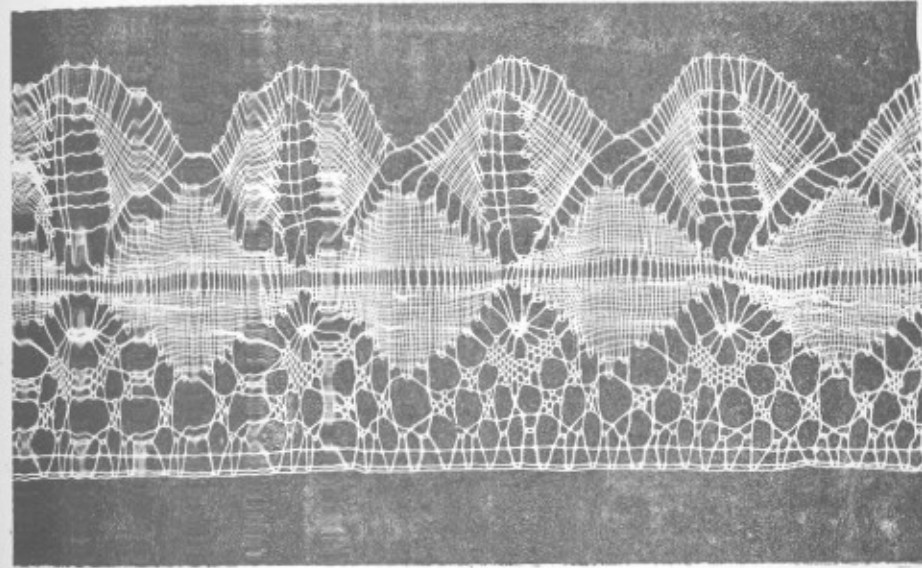
Ponta e entremeio da bandeira - veio em uma bandeira do Espírito Santo e as rendeiras tiraram uma amostra.

Ponta e entremeio do coqueiro - acharam em cima de um coqueiro.

Ponta e entremeio da Julia - "Foi uma moça que andava pelo Cabo e trouxe amostra pra fazê".

Outras rendas têm os seus nomes de lugares que suspeitam ser a origem:

Ponta da Pavuna - "é uma amostra que veio de lá".



Ponta e entremeio do Morro Grande - "parece que veio de lá" (nem sabem onde fica)

Outras rendas tiveram os seus nomes dados devido à semelhanças encontradas entre elas e as coisas; tem um certo número de anos:

1 - Bico de passarinho por causa dos biquinhos feitos com a trança.

2 - Giboia (não parece com uma giboia, "mas devido às voltas que dá".

3 - Joelho (parece um joelho, porque torto)

4 - Joelhinho (uma miniatura do joelho)

5 - Entremeio da calvinha ("porque todo de pregadinho por dentro em forma de calvinha")

6 - Biscoito (porque tem pregado no meio a forma de um biscoito)

7 - Esse (tem no meio um S)

8 - Agua do Poé. ("não tem nada disso, é porque é muito ligeira de fazê")

9 - Buracuda (não parece, "dizem que é porque tem um buraco")

10 - Chapa ("no meio tem um quadro pregado feito uma chapa")

11 - Relógio ("tem uma negocio redondo igual a um relógio", "com as casinhas em redor")

12 - Chave (no meio "tem uma forma de chave")

13 - Bolão ("tem uma aranha no meio feito um botão")

14 - Aranha (há semelhança com a aranha devido às aranhas no interior)

15 - Leque ("a ponta é muito redonda, parecida com um leque")

16 - Alvorçada ("é muito cheia de bilros, chama porque amola muito o juizo da gente, alvorça")

17 - Bolinhas (devido às bolinhas no seu interior)

18 - Vêú ("porque tem muito maço, linha de novelão e fica clara)

19 - Pele de Cobra ("porque é fino, cheio de trocado")

20 - Concha ("a ponta tem uma casinha parecida com uma concha")

- 211 - Coldibeta ("tem um negociozinho esquisito que parece mesmo")
- 212 - Descejada ("Como todo mundo queria fazer porque era ligeira e bonita, botaram o nome")
- 213 - Camarário ("Tá pegado no meio, que pega de uma ponta a outra")
- 214 - Maxixe ("É parecido com um maxixe mesmo")
- 215 - Rabão de Perua ("É muito redonda e parecida com um rabão de peru")
- 216 - Fivela ("Não tem a forma")
- 217 - Cocada ("Muita gente acha parecido")
- 218 - Grande das catelas ("nem tem sinal, só chamavam porque tem uns espaços")
- 219 - Farinha fresca ("não tem nada de farinha e muito menos de fresca")
- 220 - Jotã ("Ela o-dize que tem um negócio em forma de jota")
- 221 - Botã hoje e tira amanhã ("é parecida porque é muito rápida")
- 222 - Dente de cachorro ("é parecida, tem um negócio pegado muito comprido")
- 223 - Olho de IPombão ("tem um olhinho que parece de passarinho")

A RENEDEIRA

No trabalho da renda, observava-se o mesmo abandono que se operou na pescaria. Já são lembradas como coisas do passado as reuniões de rendeiras moças "63 ou 7 a almofadas" — quase sempre os mesmos grupos — que se alinhavam na calçada das casas ou faziam roda dentro da sala. No chão, sentadas e em frente à almofada ora com as pernas cruzadas "feio colco", ora com uma perna dobrada para trás e outra estirada para frente, sobre uma esteira ou roupa velha — às vezes até um casaco de homem — "botavam a tarefa", vendo quem andava mais depressa. Quando a almofada era muito alta, a rendeira usava como assento o banco, antigamente muito mais conhecido e empregado. Hoje, refere-se um pedaço de madeira, o "cêpo", ou mesmo uma tijolo (6).

"Nos tempos de moça enquantando junta-vam-se" — pra tá botando tarefa, taga relavam livremente: "tá conversando mas as mãos tá trabalhando"; a conversa era o que se chama "conversa de moça", falando-se nos namorados, nos meninos, pensando "nas valências" (7). Agora as reuniões são raras — no máximo 3 almofadas com as rendeiras velhas fumando os "pitos", exercitando, falando das coisas do mundo".

Esse abandono do trabalho da renda, iniciou-se também com os elementos mais jovens da população feminina da mesma forma que a pescaria foi sendo abandonada primeiramente pelos rapazes; as rendeiras velhas queixam-se e resmungam que "as moças de hoje gostam

- 6 — A rendeira que trabalha sentada no "cêpo", no baraco ou tijolo à medida que a renda vai descendo, são obrigadas a abandonar o assento e sentarem-se no chão.
- 7 — Não se compreende agora que um homem faça renda. Há a lembrança de que no Cabo havia dois homens que faziam renda, nos tempos antigos; um deles era paralítico e assim entretinha o seu tempo e tirava um lucro. O outro como sabia tocar os bilros perfeitamente, aproveitava o tempo que tinha de se sobra para fazer renda e se possível, vendê-la. Durante a nossa investigação, muitos meninos achavam graça que um homem se preocupasse com o trabalho da renda e os homens divertiam-se em ver o nosso interesse.

é de andá", "as moças ficam andando abaixo e acima, só tratam de vadiação", criticando a preguiça das jovens e a fuga aos antigos padrões.

Entretanto, o que se verificou na comunidade foi um movimento semelhante no campo das atividades masculinas e femininas: um alargamento do horizonte de trabalho, a introdução de novas possibilidades de ganhar dinheiro mais facilmente, a garantia de pagamento que a pescaria e a renda não davam. Por isso as respostas que as moças dão quando se pergunta por que não fazem mais rendas são invariáveis: "renda é um serviço com esperança", "custa muito a fazê".

O tempo e o esforço exigidos no trabalho da renda, somados à concorrência — pois a maioria das mulheres fazia renda — não tinham compensação na venda do produto: "antigamente todo mundo tinha a mesma coisa, todo mundo fazia renda e ninguém comprava"; "a pessoa leva uma semana, as vezes leva mais e quando acaba de fazê, não tem quem vende", "muita gente deixa de fazê porque fica empitada, faz outro serviço porque aparece dinheiro logo".

Portanto, o que se observa é uma situação semelhante: há alguns anos o homem não tinha o que escolher; e dentro da pescaria ou era pescador, ou proprietário, ou negociante de peixe, já que as vendas eram poucas e as outras atividades exercidas como complementares; no negócio de peixe e na propriedade de rês era necessário um capital inicial provindo de herança ou financiamento que nem todos possuíam; era óbvio que a única ocupação que lhe restava, a única profissão era a de pescador.

Da mesma maneira a rendeira tinha as suas limitações: "antigamente a profissão era a renda, salgava peixe quando havia, mas a profissão era a renda". As rendeiras então trabalhavam até de noite, à luz do candieiro somente interrompendo o trabalho muito tarde, "conforme desse o sono"; "era o que me ajudava". Muitas rendeiras velhas atualmente, atribuem a origem dos males que afligem as suas vistas, os olhos vermelhos, aos excessos daquelas vigílias.

Nos dias de hoje classificando-se as atividades femininas de acordo com o critério da melhor remuneração, observa-se que a renda ocupa o último lugar: 1 — Costura (para fóra); 2 — Salga de peixe. A salga de peixe é realmente a remuneração mais compensadora; entretanto, como não é regular, dependendo do aparecimento do peixe, as mulheres preferem colocá-la no segundo posto (8); 3 — Trabalhos de agulha; 4 — Renda de bilros; lavagem de roupa.

O abandono, portanto, é justificado. As moças mesmo não sabendo ainda cozer, mostram uma preferência muito maior pelos "trabalhos de agulha" — com poucas exceções — do que pela renda de bilros.

A medida que a renda de bilros foi sendo abandonada, a costura ascendeu como atividade feminina melhor remunerada não somente pela introdução de modernas máquinas de costura, — facilitando e apressando o trabalho — como pela maior preocupação dos habitantes do Cabo (9) com o vestuário, pois a abertura de uma estrada ligando a comunidade à sede do município facilitou o transporte que antigamente era feito no lombo de animais, pelas praias, e ditando o aparecimento frequente de viajantes e turistas. A importação de máquinas novas para as obras da companhia e a necessidade de maior número de braços determinaram igualmente a entrada de gente estranha e consequentemente maior preocupação e apuro no modo de vestir.

- 8 — Quando "matam peixe grande", principalmente o xaréu, "largam tudo prá salgá peixe".
- 9 — Os naturais do Arraial do Cabo, chamam à sua terra simplesmente Cabo, e a si próprios de "cabistas".

A introdução de "trabalhos de agulha" até então pouco conhecidos, a criação de novos encargos e atividades imprevistas poucos anos antes, como o de telefonista da Companhia, empregada do hotel que se instalou na localidade, encorajados do tipo telefônico, auxiliados nas vendas e bares que se abriam, das padarias que começaram a funcionar, professoras nos grupos escolares, empregadas nas casas dos proprietários de bicos de leite e pesca de alito macar e negociações de peixe que prosseguiram, determinaram o desenvolvimento de um sentimento de respeito pela antiga atividade da renda, pela coisa velha: "para mim elas tem vergonha de fazer renda, acha que se tornou feio" dizia uma velha rendeira; "pode entrar gente de fora e a avó de tá fazendo renda".

Assim, aos poucos, começando pelo elemento mais jovem, a renda foi sendo abandonada, as mulheres de meia idade e mesmo algumas velhas "desprezaram" a atividade para dedicarem-se a outras ocupações e mulheres esmerilhadas nos seus negócios. Essa fuga ao trabalho de renda em parte se deveu a aquelas que se obstinaram em continuar "tracando bilros", pois foi eliminando não somente um grande número de concorrentes, como também de futuras competidoras na venda dos seus produtos.

Atualmente são raras as rendeiras que possuem todo o seu tempo empregado sobre a atividade, porque o trabalho de renda foi se tornando um auxiliar do orçamento doméstico e não um meio de subsistência. Apenas 3 ou 4 mulheres viajas e "seminhas" são apontadas como "comendo e vestindo de renda", fazendo a renda de manhã à noite. As outras dividem o dia entre os diversos afazeres: a lavagem da roupa, o preparo da comida, o cuidado com as filhas; apenas cerca de 3 ou 4 horas diárias são dedicadas ao trabalho.

Há rendeiras que abandonam a renda durante meses, para retornarem depois. Algumas para isso variam motivos, que podem ser resumidos em 3 razões principais: 1 - "a barriga e a renda e para"; 2 - "fica doente". A renda escatilha a gente. A gente fica com as cadeiras e as costas que de noite não pode virar na cama"; 3 - "tem um ou outro serviço, para".

São infelizes as rendeiras que se queixam do trabalho que têm com as rendas, quando elas são difíceis. É comum ao entrar-se em uma casa, ouvir logo nas primeiras frases: "só tenho trabalho porrdé o juízo, tá aqui lutando". Algumas rendeiras mais impacientes, apelam-se ao cometerem um erro, ao partirem uma linha soltando o bilro: rogam praga, insultam a renda e as si mesmas, "pragas de nomes bracos, doenças pra elas mesmo, como paixão".

Há naturalmente, rendeiras mais orgulhosas que se orgulham em executar uma renda complicada, feita com destinação e muito trabalho. A maioria, entretanto, prefere as rendas mais fáceis que "andam mais depressa; a gente e num dia faz um pique". "As vezes a gente tem um outro serviço que faz e a renda anda depressa". "As difíceis a gente leva dois dias para fazer um tipo de renda...".

O produto do trabalho das rendeiras tem diferentes destinos e ela procura sempre tirar o maior proveito possível nas oportunidades que se oferecem para vender a sua renda. A renda é feita tendo em vista 3 propósitos fundamentais: 1 - Renda feita e vendida por encomenda; 2 - Renda feita e guardada da sem haver sido encomendada, esperando-se o aparecimento ocasional de algum turista ou viajante; 3 - Renda para uso próprio ou do pessoal da casa.

Antigamente uma cabista empreendia viagens pelas localidades vizinhas e renda a renda de algumas rendeiras que concorriam em entregar-lhe os seus trabalhos, tomando como pagamento uma percentagem do preço alcançado na venda. Essa comissão variava segundo

um acordo prévio feito com a rendeira: desde alguns centavos por cruzado vendido, até a divisão do preço, metade para a ela, metade para a rendeira. Entretanto essa mulher morreu e hoje os raros intermediários que vão à comunidade aproveitando a estrada aberta, há alguns anos, nunca são reconhecidos como tal, mas sim como "particulares".

Quando um intermediário encomenda um grande número de metros de renda (100, 200 metros) a uma única rendeira, estabelecendo determinado preço, essa rendeira sentindo-se incapacitada para executar o trabalho em um tempo tão diminuto, divide a tarefa com outras rendeiras procurando também alcançar lucro pagando por cada metro, um preço inferior ao que foi combinado entre ela e o intermediário. Para o recebimento das rendas encomendadas, o intermediário retorna em um dia que foi anteriormente fixado; às vezes nem todas as rendas estão prontas e nesse caso o intermediário retorna com as rendas feitas e marca um outro dia para vir buscar o restante. Alguns para evitar o incômodo de duas ou mais viagens, preferem dar o endereço e aguardarem o aviso — por carta ou telegrama — que as rendeiras lhes enviam.

A renda que se faz sem encomenda, é guardada pela rendeira dentro do seu armário ou baú, dobrada e protegida dentro de um pedaço de papel. Nos meses de verão, com o aparecimento de turistas, intensifica-se a atividade das rendeiras, cria-se uma preocupação maior pela feitura da renda, recrudescer o trabalho, já que "os dias são maiores". A rendeira, então, sobe o preço da renda.

"O pessoal que vem de carro de fora, fica doido atrás das rendas". Os turistas quando não encontram rendas prontas para vender, muitas vezes escolhem nos piques e nas amostras os padrões que preferem e mandam fazer. De um modo geral, quando alguém encomenda uma renda, fornece também a linha; é na linha que repousa a garantia da rendeira contra uma possível desistência do comprador, que não aparecendo no dia fixado ou nas semanas subsequentes — a rendeira sempre dilata o prazo prevendo as dificuldades — perde o direito que tem sobre a renda e então a rendeira pode dispor desse trabalho como lhe aprouver.

Nos velhos tempos era costume a rendeira usar na própria roupa ou para lençóis e fronhas, a renda que havia trabalhado. "Hoje é só pra fora", aproveitando o máximo que a renda oferece no seu quadro econômico. A rendeira preferindo o bordado a usar a própria renda, realça o significado da renda, dá-lhe importância e valor comercial. Os seus presentes de rendas que retribuem favores prestados, adulam antes queridos, não representam o dinheiro mas prestam mérito á dádiva. "a gente faz renda prós netos, pra uma afilhada de estimação, uma noça que tem trabalho com a gente". Quando a renda é larga e requer muita linha, a rendeira não dá a linha, oferece apenas o trabalho. Somente as rendas estreitas são ofertas completas de linha e trabalho.

A menina para aprender a fazer renda (10) tem um caminho a percorrer, o mesmo trilhado pelas velhas rendeiras. Antigamente, então, quando a pescaria e o trabalho de renda eram quasi as únicas atividades, o espetáculo do pai tecendo a rede e a mãe trocando bilros, diariamente, oferecido aos filhos, constituía-se em estímulo que orientava a disposição das crianças.

10 — Algumas meninas, poucas, vendo as mães e avós fazendo renda querem logo aprender. Não observamos nas moças que aprenderiam a fazer renda, nenhuma que não fosse filha de pescador e de rendeira.

Na idade de 6 a 7 anos, presenteiam a menina com uma pequena almofada grosseiramente feita e sem pés, uns bilros velhos ou pedaços de páu, papelão furado simulando piques, alguns alfinetes, com os quais ela "intermite os dias". "na cegueira de fazê renda".

Com os seus brinquedos ela vai tomando um contacto maior com a almofada, habituando-se à posição, aprendendo a trocar os bilros; carrega a almofada para perto da mãe para observar e imitar os seus movimentos. Quando ela usa linha, "vai fazendo aquelas bobagens e aquelas porcariazinhas" ou então "tranças".

Aos 10 a 12 anos, começa realmente o aprendizado intensivo, sob a orientação de uma rendeira experimentada, de preferência a mãe ou a avó. Principia por fazer uma rendinha estreita, com 8 ou 10 bilros, a chamada "renda de criança", como o "ólho de pembo", "bico de passarinho", "ponta da concha, da estreita"; a rendeira segura a mão da menina e orienta-a nas hesitações, nos embarços, corrige os erros: "não é assim, desmancha". Vccê apanha dois casal de bilro, troca prá lá, troca pra cá, dá a laçada e prega o alfinete. Depois dá nova laçada prá ficá o alfinete firme no ponto". Quando a menina erra, a rendeira manda que desfaça tudo e ensina novamente. Algumas rendeiras que ensinavam eram conhecidas pela sua impaciência, batendo nas meninas com as mãos e com a palmatória. Hoje é difícil observar-se violência no ensino da renda com o número diminuto de interessadas. As opiniões sôbre o uso de castigos corporaes, são contraditórias: uns acham que "precisa castigá prá aprendê", enquanto outros opinam que o ensino imposto dessa maneira, "não tira resultado, só tira prejuizo".

Mais tarde, já com uma almofada do tamanho comum, sabendo o manejo dos bilros, a posição dos alfinetes, ela é deixada sozinha com a almofada e principia a fazer as rendas mais estreitas. É lentamente, indecisa, que ela executa a sua tarefa. Faltam-lhe a prática e o sentimento de segurança que só podem ser adquiridos com o correr dos anos. Ela vai passando das rendas estreitas para as rendas mais largas, "quanto mais bilros, mais influência tem pra aprendê", aumenta a complexidade do trabalho.

A última etapa do aprendizado é a montagem da renda, operação inicial que consiste em fixar o pique na almofada por meio dos espinhos, colocar os alfinetes no lugar "em que assenta a renda", e os bilros (11). Muitas mulheres, já de meia idade, ainda, não sabem montar a renda e é necessário chamar uma rendeira velha para executar o serviço.

Sabendo trabalhar as rendas mais largas, fazer as difíceis "aplicações", "montar a renda", a rendeira atingiu o ponto mais alto que poderiam desejar, dominando tôda a técnica do trabalho da renda. Daí em diante a sua reputação como rendeira dependerá do cuidado com que usa essa técnica, da sua rapidéz e principalmente da limpeza e aivura da sua renda.

11 — "Corre com os bilro todos prá baixo. Depois apanha a laçada e laça os bilro todos".